



Universidades mostram dados ao governo

Em agosto, UNESP, USP e Unicamp levaram ao secretário de Ciência e Tecnologia relatórios sobre seu desempenho. Pág. 11

As cordas do contrabaixo ligam o País

O norte-americano Gary Karr foi destaque no II Encontro Nacional de Contrabaixo, realizado em São Paulo. Pág. 11

Desempenho em exame



Márcia Minillo
Um amplo debate sobre a situação dos setores fundamentais da UNESP aconteceu em agosto, marcando o início do Ano da Avaliação. Nas discussões, o reitor e os pró-reitores expuseram o que foi feito de mais importante na Universidade nos últimos anos (foto). As exposições foram em seguida discutidas por especialistas de outras instituições e membros do CO. Págs. 3 a 6

Candidatos a reitor expõem propostas

Duas chapas concorrem à sucessão na Reitoria: Antonio Cesar Perri de Carvalho e Arthur Roquete de Macedo (fotos) são os candidatos a reitor. Ambos participarão de debates promovidos pela Adunesp, Sintunesp e DCE. Os encontros ocorrerão nos dias 25/9 às 9:30, no IA; 30/9 às 16h, no anfiteatro da FCL/Araraquara; 7/10 às 19:30, na sala 1, de Bauru; e na FO/Araçatuba (sala 5) dia 13/10, às 14h.

Leia as entrevistas de Arthur e Perri nas págs. 7 a 10.



Adriana Zebruskas



Márcia Minillo



Paula Zilberman

SÍNTESE

SUCESSÃO na Reitoria. Arthur, com Antônio Manoel de vice, e Perri, com Joji Ariki, acabaram sendo as chapas inscritas para a eleição que transcorrerá nos dias 20, 21 e 22 de outubro. A disputa, portanto será polarizada, apesar de tanto Arthur como Antônio Manoel terem saído na frente nas primárias realizadas pelas congregações no dia 21 de agosto. Na maioria das unidades onde houve consulta eles foram os mais votados, o mesmo acontecendo entre as congregações que compuseram as listas triplíplex exclusivamente com o voto de seus integrantes.

O **CONSELHO** Universitário não concordou em aditar o contrato de Jorge Nagle como professor titular, mas interpretou que professor aposentado da UNESP pode ser candidato a reitor. Ou seja, como professor adjunto da FCT-Presidente Prudente, sua atual situação de trabalho na Universidade, ele não poderia pleitear a candidatura. Para tanto, Nagle precisaria demitir-se da FCT e voltar à condição de aposentado da FCL-Araquara. Preferiu não fazê-lo, "por coerência com seu passado", explicam os amigos do ex-reitor.

A **DÍFICIL** situação política em que se encontra o País, em função das evidências do comprometimento do presidente Collor com o esquema PC, gerou dois documentos a partir dos colegiados centrais da Universidade. O Colégio Eleitoral — soma do CO, CADE e CEPE — decidiu, no dia 13 de agosto, pelo envio de uma mensagem de apoio à CPI do PC, o que foi feito pelo reitor Paulo Landim por meio de ofício ao deputado Benito Gama.

NO DIA 3 de setembro o Conselho Universitário "deliberou manifestar sua enorme preocupação com a atual crise política". O Conselho diz "expressar sua confiança nas instituições democráticas bem como a expectativa de toda a comunidade universitária de apuração rigorosa de todos os crimes e delitos e de punição de todos os culpados, nos termos constitucionais e legais, na certeza de que o Congresso Nacional exercerá seu papel com independência e responsabilidade."

JÁ QUE não são todos os parlamentares que zelam pelo interesse da maioria da sociedade, os estudantes tomaram outra providência: reclamar o impeachment nas ruas. Foi o que fizeram os alunos dos câmpus de Araquara e Bauru, por exemplo. E puxaram consigo outros segmentos da população, como nos velhos tempos.

Avaliação, de olho no futuro

Em reuniões extraordinárias do Conselho Universitário, realizadas em jornada integral nos dias 10, 11 e 12 de agosto, foram apresentados e analisados os relatórios das atividades desenvolvidas pela Reitoria e por suas Pró-Reitorias de Graduação, de Pós-Graduação e Pesquisa, de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários e de Administração e Desenvolvimento, a partir de 1989. Como debatedores, participaram das sessões eminentes professores de outras importantes universidades brasileiras, convidados a trazer para os trabalhos do Conselho Universitário a contribuição de sua reconhecida experiência nos campos do ensino, da pesquisa, da extensão e da administração universitária.

Essa iniciativa da administração superior da Universidade visava constituir-se numa formal prestação de contas de sua gestão, no último quadriênio, à comunidade acadêmica, legitimamente representada pelos membros do Conselho Universitário. De fato, entretanto, em função da intensa e decisiva participação de docentes, funcionários e alunos na consecução das metas propostas no plano de gestão de 1989, os resultados obtidos, minuciosamente registrados nos relatórios, não retrataram apenas a atua-

ção da administração superior, mas refletiram, especialmente, os frutos do esforço comum de toda a comunidade universitária.

Assim, ao analisar os relatórios na condição de co-responsável pelos resultados, a comunidade acadêmica, representada por seu conselho superior, ciente dos progressos já realizados, do muito que ainda lhe resta por fazer, e convicta de que será necessário programar as atividades da Universidade, deverá preocupar-se, sobretudo, com a busca de estratégias que lhe permitam superar, nos próximos anos, as dificuldades já identificadas. E é nesse contexto que entende deva inserir-se a avaliação. Fundando-se no exame do passado, que nos dá conta da medida exata da nossa capacidade e dos elementos necessários para as devidas correções de rumo, a avaliação, sobretudo, deve voltar-se para o futuro, identificando o que pode e o que deve ser feito.

Tem-se consciência, portanto, de que é imperioso que a Universidade, no exercício da autonomia, persiga tenazmente a realização de seu próprio projeto, com os ajustes que se fizerem necessários. A plena consciência dessa necessidade é uma conquista irreversível de nossa comunidade e, possivelmente, um dos mais importantes resultados

das lutas comuns intensamente vividas nos últimos difíceis quatro anos.

Nesse sentido, embora saiba que incertezas de toda a ordem dificultam o planejamento exaustivo de todas as atividades da Universidade, a comunidade unespiana considerou imprescindível a definição das prioridades e a proposição dos objetivos a ser perseguidos no próximo quadriênio. Essa é a razão por que entendeu que os candidatos a reitor e a vice-reitor deveriam organizar-se em chapas, identificadas por um plano de gestão.

A comunidade sabe também que a realização de um projeto para a UNESP pressupõe o envolvimento total de docentes, de alunos, e funcionários, bem como o acompanhamento constante, pelo Conselho Universitário, do processo de desenvolvimento da Universidade. Nos últimos anos, a participação da comunidade universitária nesse processo cresceu significativamente. É absolutamente necessário que essa disposição persista, pois os dirigentes têm mandatos e são substituídos. A comunidade, porém, permanece e, portanto, é basicamente sua a responsabilidade maior pela definição do projeto de nossa Universidade e pelo desenvolvimento contínuo das ações voltadas para sua concretização.

unesp

Reitor: Paula Milton Barbosa Landim
Vice-reitor e pró-reitor de Administração e Desenvolvimento: Arthur Roquete de Maceda
Pró-reitor de Graduação: Antonio Cesar Perri de Carvalho
Pró-reitor de Pós-Graduação e Pesquisa: Antonio Manoel dos Santos Silva
Pró-reitor de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários: Carlos Ruggiera

Jornal da UNESP

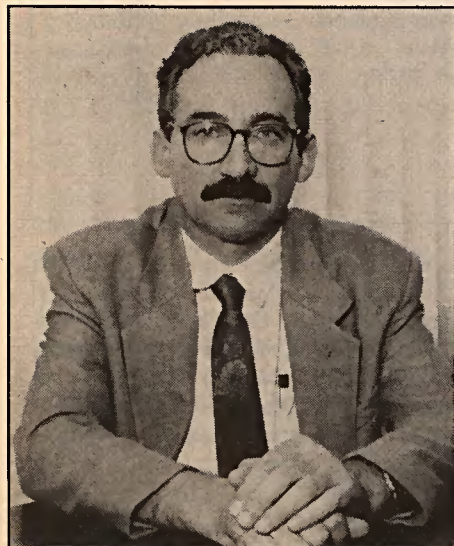
Editores: André Louzas e Paula Velloso
Redação: Denise Pellegrini, Emi Shimma, Marcelo Burgas e Tânia Belickas
Fotografia: Adriana Zebrauskas
Editor de Arte: Celsa Pupa
Secretário de Redação: Viviane Fernandez
Produção: José Luiz Redini
Revisão: Francisca Maria Lourenço e Rinalda Milesi
Tiragem: 22.500 mil exemplares

Este jornal, órgão da Reitoria da UNESP, é elaborado mensalmente pela Assessoria de Comunicação e Imprensa.
A reprodução de artigos, reportagens ou notícias é permitida, desde que citada a fonte.
Endereço: Rua da Carma, 44, 5º andar, CEP 01019, São Paulo, SP. Telefone 37-4479
Composição, fotolito e impressão: Imprensa Oficial do Estado S.A. — IMESP

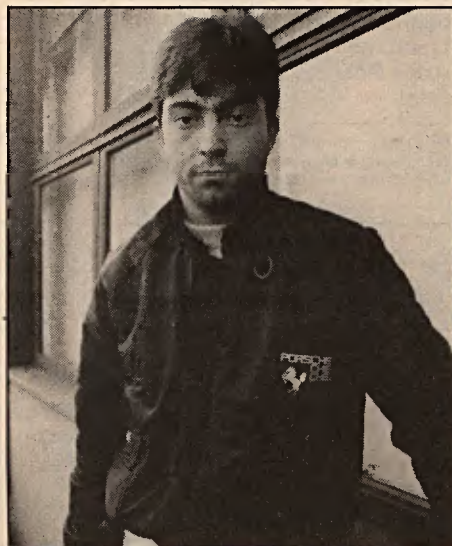


Como está nosso desempenho?

Em agosto, a UNESP promoveu um amplo debate sobre a avaliação de suas áreas fundamentais. Apresentamos aqui o resumo das discussões e a opinião de dirigentes e da comunidade universitária sobre o que foi analisado



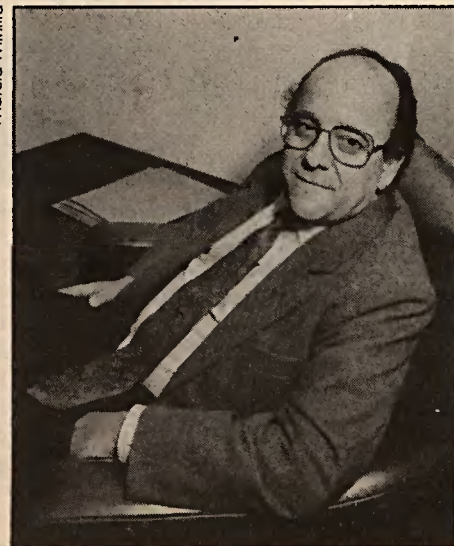
Márcio Minilla



Márcio Minilla



Márcio Minilla



Márcio Minilla

Pinheira: avaliação não pode ser só interna

André: críticas à organização dos debates

Carlota: órgãos colegiados pouco democráticos

Teixeira: CO analisou questões fundamentais

Hoje a opinião de que as universidades precisam avaliar seu desempenho é quase uma unanimidade. Afinal, através desse recurso, o meio universitário pode constatar seus níveis de desempenho e apresentá-los à sociedade. No entanto, poucas instituições no Brasil têm propostas concretas para realizar tal processo. No mês de agosto passado, a UNESP deu um grande passo para organizar a avaliação de seus setores essenciais, aprofundando experiências que já ocorrem na graduação e pós-graduação. Entre os dias 10 e 12 desse mês, o reitor e os pró-reitores apresentaram ao Conselho Universitário (CO) os relatórios sobre o que foi feito de mais importante desde que assumiram suas funções. As exposições foram debatidas por destacados especialistas de outras universidades e instituições.

Os debates deram início efetivo ao Ano da Avaliação e, para o reitor, professor Paulo Milton Barbosa Landim, ao mesmo tempo que definiram uma análise das áreas fundamentais da UNESP, representaram uma prestação de contas da atual gestão. "As dis-

cussões foram importantes também para transmitir para a próxima gestão o que achamos que deva ser feito pela administração universitária", assinalou.

A iniciativa de se iniciar uma sistemática de avaliação na Universidade foi elogiada pelo diretor da Faculdade de Ciências Agrônomicas, câmpus de Botucatu, Flávio Abranches Pinheiro. "Achei significativo que pessoas de fora discutissem o desempenho da Universidade, afinal não pode haver apenas auto-avaliação." Dos relatos que ouviu, Pinheiro concluiu que, apesar de todas as crises, a UNESP vem se consolidando, principalmente na pós-graduação e pesquisa. "Essa área foi o carro-chefe do nosso desenvolvimento."

DEBATE DE RELATÓRIOS

Um marco histórico. Foi dessa forma que o professor Márcio Teixeira, diretor da Faculdade de Ciências e Tecnologia, câmpus de Presidente Prudente, definiu os debates de agosto. "O CO, que vinha atuando de maneira extremamente formal e regulamentar, debateu as questões de fundo da

Universidade." Entre os temas abordados, Márcio destaca a discussão das licenciaturas, os caminhos da pós-graduação, o significado da extensão e a importância da autonomia universitária. "Porém, o debate deixou a desejar no tocante à política e aos parâmetros de distribuição de recursos na UNESP." O diretor da FCT quer agora que os relatórios expostos sejam enviados às bibliotecas de todas as unidades e debatidos pelas comunidades locais.

Representante docente no CO, Carlota Boto também deseja que as discussões ecoem em todos os câmpus. Na sua opinião, há uma distância excessiva entre os órgãos colegiados centrais e os das unidades. "Isso faz com que muitas vezes não haja ressonância dos debates que ocorrem no CO, por exemplo." Carlota concorda que a promoção dos debates foi positiva, mas considera que eles teriam mais repercussão se a representação de professores, alunos e funcionários no CO fosse maior. "É possível democratizar as formas de gestão da UNESP sem que a administração deixe de lado suas prioridades."

Se também vê com bons olhos a organização dos debates, André Luiz dos Santos, representante dos alunos no CO, critica vários aspectos de sua organização. "Os relatórios chegaram na nossa mão apenas cinco dias antes das discussões e por isso não deu para fazer uma análise mais aprofundada." Para André, as exposições também foram rápidas demais e evitaram tratar dos pontos negativos da administração. "Abordou-se muito mais o que se fez e quase não se falou do que não se fez e o porquê de isso não ter sido feito."

A escolha dos debatedores agradou o diretor do Instituto de Artes (IA), câmpus de São Paulo, John Boudler. "Gostei principalmente do Flávio Fava de Moraes, da Fapesp, que mostrou clareza e profundidade nas suas considerações." Iniciando sua gestão à frente do IA, Boudler garante que as discussões de que participou vão ajudá-lo a dirigir o Instituto. "Fiquei com uma visão mais abrangente dos pontos fortes e fracos da UNESP."

A seguir, o resumo das exposições do reitor e dos pró-reitores.

Auto-avaliação foi incentivada na graduação

Pró-reitoria estimulou conselhos de curso a fazer auto-avaliação e promoveu expansão de vagas em licenciaturas e cursos noturnos

No primeiro dos relatórios apresentados no evento que desencadeou o Ano da Avaliação, o professor Antonio Cesar Perri de Carvalho analisou o que foi feito pela Pró-Reitoria de Graduação. Argumentando que sua área é um campo complexo dentro da UNESP,

o professor Perri lembrou que a melhoria do ensino na Universidade depende de verbas: "E, infelizmente, nossa Pró-Reitoria não participa da definição da distribuição orçamentária." Mesmo assim, o pró-reitor abordou as iniciativas mais expressivas de seu setor, como a organização dos conselhos de curso de graduação, implantados entre agosto de 89 e janeiro de 90. "Eles tiveram a proposta de estabelecer, acompanhar e avaliar cada projeto pedagógico e refletir sobre questões de ensino."

Após a instalação dos conselhos, a Pró-Reitoria sugeriu que eles realizassem auto-

avaliação dos cursos. "O objetivo era incentivar a reflexão sobre o currículo e a melhoria da qualidade de ensino", revelou Perri. A solicitação foi bem aceita: mais de oitenta cursos concretizaram a proposta. "O número é significativo para um prazo de três anos e uma tarefa de caráter não obrigatória." Ainda no campo das medidas para a melhoria do ensino, o pró-reitor apontou a criação do grupo de Estudos e Desenvolvimento do Ensino da UNESP (Gedeu), que promoveu encontros e seminários em vários câmpus.

Quanto ao vestibular, a Pró-Reitoria passou a realizar análises dos exames, que deram

subsídios para que o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão Universitária (Cepe) regulamentasse essa questão.

O apoio aos cursos noturnos e de licenciatura foi outra preocupação da Pró-Reitoria (veja quadro). Segundo Perri, para o próximo vestibular, 27,47% das 4.276 vagas oferecidas serão do noturno. "As licenciaturas representarão 45 opções, ou 43% do total de vagas." Além de se voltar para a formação de educadores, a UNESP interagiu com o 1º e 2º graus, através dos Núcleos de Ensino, do Centro de Ensino e Pesquisa do Litoral Paulista (Cepel) e do Consórcio Intermunicipal de Edu- ➤



Márcio Mimilio

Perri: Pró-reitoria deveria influir na distribuição do orçamento da Universidade

cação do Leste Paulista. Beneficiando diretamente os alunos de graduação, foram criados os congressos de iniciação científica, já realizados em Araraquara, Botucatu, Jaboticabal e Araçatuba. Além disso, o pró-reitor enfatizou a ampliação do Programa Especial de Treinamento (PET), ligado à Capes, que na UNESP beneficiam treze grupos e 118 bolsistas.

Para debater com o Professor Perri, foi convidado o pró-reitor de Graduação da USP, Celso de Rui Beisiegel, que iniciou sua análise discutindo a relevância de se criar a Pró-Reitoria de Graduação. "Somente com a Pró-Reitoria a Universidade pode executar determinadas ações." Depois de comparar a situação das duas universidades em as-

pectos como evasão e ligação com o 1º e 2º graus, Beisiegel parabenizou Perri e a UNESP pelo seus resultados no setor do ensino.

Carlota Boto, representante docente no CO, afirmou durante os debates que é preciso enxugar estruturas de cursos como Pedagogia, que estaria com uma carga horária ex-

cessiva. "O conselho de curso de Pedagogia de Araraquara, aliás, já está fazendo um trabalho nesse sentido." Em sua intervenção, André Luís dos Santos, representante dos alunos, considerou bastante válido o congresso de iniciação científica. "Mas acho que deveria haver mais tempo e espaço adequado para a realização dos encontros."

Curso	Câmpus	Vagas/93
C. da Computação (1)	R. Clara	30
Física (Lic./N.) (1)	Guaratinguetá	40
C. Bialógicas (Lic.) (1)	Assis	20
Enfermagem (1)	Batucatu	20
Med. Veterinária (1)	Araçatuba	30
Pedagogia (N) (1)	R. Clara	30
Pedagogia (N) (1)	Pres. Prudente	40
Pedagogia (D) (1)	Pres. Prudente	30
Fonaudialogia (1)	Marília	35
Física (Lic./N) (2)	Bauru	20
Matemática (Lic./N) (2)	Bauru	30
C. Bialógicas (Lic./N) (2)	Bauru	20
Química (Lic./N) (2)	Araraquara	20
Habil. em Japonês/Letras (Lic.) (2)	Assis	(3)
Artes Plásticas (Bach.) (2)	S. Paula	20
Total		385

(1) Criado entre 87 e 88 e implantado entre 89 e 92;
(2) Criado e implantado entre 89 e 92;
(3) Incluído em Letras.

Extensão registra aumento de bolsas e moradia

Apesar da escassez de recursos, pró-reitor aponta bom desempenho em setores como o auxílio ao estudante e o Venha nos Conhecer

Para o professor Carlos Ruggiero, a instalação da Pró-Reitoria de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários (Proex), em maio de 89, representou um avanço para a Universidade. "Antes, não havia projetos de extensão nos departamentos e nem um mapeamento do que poderia ser oferecido à comunidade, por exemplo." Na exposição do relatório sobre o seu setor, o professor Ruggiero destacou que a Proex baseia sua atuação em programas. Ao todo, eles somam quatorze, envolvendo áreas que vão do auxílio ao estudante até a colaboração com as prefeituras.

De acordo com pró-reitor, o Programa de Apoio ao Estudante tem bons resultados a exhibir, como a instalação de três restaurantes universitários. "Antes da Pró-Reitoria, só havia um restaurante, em Jaboticabal." Esse programa também apresenta resultados no campo da moradia estudantil, com alojamentos já prontos em oito câmpus, somando 482 vagas (veja quadro 1). Há ainda as bolsas de estudo, como a Bolsa de Apoio ao Estudante, a bolsa de estágio curricular obrigatório e a bolsa moradia para médicos residentes, entre outras (veja quadro 2).

Entre as conquistas do Programa de Atividades Culturais, o pró-reitor assinala iniciativas como a criação da Orquestra de Câmara da UNESP e a realização, somente no primeiro semestre de 92, de 128 eventos, dos quais 118 artístico-culturais. Da mesma forma que esse programa, outras promoções visaram à integração da comunidade universitária — por exemplo, a ExpoUNESP.



Ruggiero: programas que vão de atividades culturais até a colaboração com prefeituras

Quadro 1

Câmpus	Vagas	Inauguração
Araçatuba	64	20/05/92
Araraquara	64	13/03/90
Assis	54	16/08/90
Franca	54	25/10/90
Guaratinguetá	54	09/03/92
Ilha Solteira(*)	—	—
Marília	64	18/10/90
Pres. Prudente	64	04/07/90
S.J. Rio Preto	64	20/05/92
Rio Claro(**)	—	—

(*)Em reforma; o alojamento é composto por 4 blocos abrigando, cada um, 87 alunos; um dos blocos já foi reformado e vem sendo utilizado.
(**)Em início de construção.

Ruggiero também enfatizou o aumento da integração da Universidade com a comunidade e, nesse contexto, destacou propostas como o Programa Parceria. "Através dele, estamos aprofundando nossa colaboração com as prefeituras. Outro programa com essa preocupação é do Vale do Ribeira, destinado a apoiar os municípios daquela

região. "No entanto, nesse caso, também enfrentamos dificuldades, como a falta de dotação orçamentária para implementar os projetos", ressaltou o pró-reitor.

O relatório de Ruggiero destacou ainda o Programa de Informação Profissional, que se propõe a orientar alunos de 1º e 2º graus sobre a escolha da futura carreira,

Quadro 2



através de recursos como o recém-lançado *Guia das Profissões*, pela Assessoria de Comunicação e Imprensa, a parceria com o Senac para a realização de eventos e o Venha nos Conhecer. "Apenas em 91, o Venha nos Conhecer trouxe 54 mil pessoas à Universidade."

O debatedor, professor Warwick Kerr, da Universidade Federal de Uberlândia, se disse "impressionadíssimo" com o relatório apresentado por Ruggiero. No entanto, ele deu algumas sugestões para aprimorar as condições da área. Uma delas seria a implantação de bolsas de extensão para os alunos. "Poderiam ser distribuídas pelo menos cinco bolsas para cada unidade." Kerr também sugeriu que as atividades de extensão passem a ser consideradas na fixação dos salários dos docentes.

Nos debates que se seguiram no Conselho Universitário, André Luis dos Santos, representante dos estudantes, disse que a UNESP gastou 0,58% de seu orçamento com assistência aos alunos em 91. "Isso é muito pouco." O diretor da Faculdade de Ciências e Tecnologia, câmpus de Presidente Prudente, Márcio Teixeira, declarou que o trabalho da Pró-Reitoria de Extensão foi dificultado por abranger programas bastante diversos. "Nós, do CO, também devemos pensar em soluções para essa e outras questões."



Produção científica teve expansão expressiva

Melhorou titulação docente e número de teses e dissertações, mas poucos professores estão envolvidos com pós-graduação

Em sua exposição, o professor Antonio Manoel dos Santos Silva, pró-reitor de Pós-Graduação e Pesquisa, demonstrou que a expansão de seu setor na UNESP também levou em conta a melhoria da qualidade. Em 88, a Universidade possuía, segundo Antonio Manoel, 47 programas de mestrado e 35 de doutorado. "Contamos hoje 81 programas de mestrado e 53 de doutorado." Nesse mesmo período, os programas com conceito A ou B da Capes passaram de 27 para 35 no mestrado e de 12 para 19 no doutorado. "Esses números indicam uma história de consolidação", comentou.

Após abordar o desafio que foi a instalação de sua Pró-Reitoria, em 89, Antonio Manoel analisou os setores básicos da área. No caso do Programa de Capacitação Docente, o pró-reitor indicou números significativos, como a expansão de bolsas da Capes para professores da UNESP: elas saltaram de 290 para 600 entre os anos de 88 e 92. Ao mesmo tempo, os programas de bolsas para alunos de mestrado e doutorado também cresceram bastante. "De 88 até este ano, as bolsas da Capes para essa área passaram de 280 para 425."

Antonio Manoel lembrou que o empenho pelo aperfeiçoamento do corpo docente vem se materializando nas cifras de titulação acadêmica: os títulos de mestre e doutor obtidos chegaram respectivamente a 85 e 98 no ano de 88, a 128 e 84 em 89 e a 119 e 125 em 90. "E o quadro geral do nível de capacitação dos docentes mostra uma demanda significativa por outros níveis, principalmente o pós-doutorado" (veja quadro 1). Ele considerou que a quantidade de docentes diretamente ligados à pós-graduação — 436, segundo cálculos da Pró-Reitoria — ainda é pequena. Mesmo assim, de acordo com o pró-reitor, vem ocorrendo um expressivo crescimento de dissertações de mestrado e teses de doutorado na Universi-

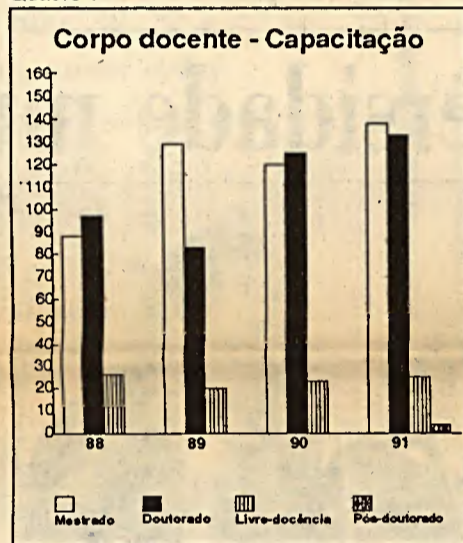


Antonio Manoel: setor ovonçou no quantidade de programas e nos conceitos dados pela Capes



Fava: dúvida sobre os grupos de pesquisa

Quadro 1



dade (veja quadro 2). Entre trabalhos científicos, resumos e artigos, ele recordou que foram registradas 4.651 publicações no ano de 90, sendo que esse número havia sido de 4.283 em 89 e de 3.694 em 88.

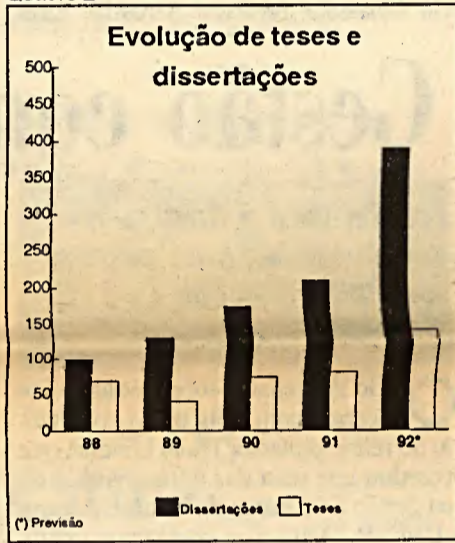
Num momento em que a investigação científica se torna cada vez mais uma produção coletiva, a Pró-Reitoria intensifica seu estímulo aos grupos de pesquisa. "No reca-

dastramento de 92, identificamos 439 grupos de pesquisa, cujos dados passam por um processo de revisão", comentou Antonio Manoel. Segundo o pró-reitor, dessas equipes, 33 já foram institucionalizadas pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão Universitária (Cepe) como grupos acadêmicos, ou seja, receberam aprovação institucional.

De acordo com o debatedor, Flávio Fava de Moraes, diretor científico da Fapesp, o relatório exposto por Antonio Manoel confirmou a expansão da UNESP nos últimos anos. Fava, porém, apontou alguns problemas, como o número de grupos de pesquisa registrados pela Pró-Reitoria. "Se há 436 docentes efetivamente envolvidos com a pós-graduação, parece contraditório o relatório indicar 439 grupos de pesquisa." Já o pró-reitor argumentou que essa incoerência de números é aparente: "Muitos grupos de pesquisa não estão envolvidos com a pós".

Durante os debates, a professora Sâmia Maria Tauk, do Instituto de Biociências (IB), câmpus de Rio Claro, reclamou da falta de recursos para editar revistas que repercutam os trabalhos dos pesquisadores. "Como divulgar o que se faz no Centro de Estudos Ambientais, por exemplo, sem publicações?",

Quadro 2



perguntou. Carlota Boto, representante docente no CO, disse que é preciso explicitar melhor as diretrizes que norteiam os cursos de pós e acentuou que a avaliação da pesquisa também deveria ser feita por especialistas de fora da Universidade. Antonio Manoel respondeu que a avaliação externa seria a solução ideal, porém ela é muito custosa para as condições atuais da UNESP.

Crescimento do índice de ICMS foi destaque

Vice-reitor enfatiza melhora de bibliotecas, convênios externos, maior participação no ICMS e assistência a funcionários

O esforço pelo aumento de recursos disponíveis para a UNESP foi bastante enfatizado na exposição do professor Arthur Roquete de Macedo. De acordo com o vice-reitor e pró-reitor de Administração e Desenvolvimento, uma das conquistas mais significativas de seu setor esteve ligada ao aumento do percentual de participação da Universidade na arrecadação de ICMS, de 1,94 para 2,30. "Temos absoluta convicção de que o trabalho da Assessoria Técnica Administrativa foi fundamental para essa mudança." O professor Arthur também colocou

em primeiro plano o estabelecimento de convênios internacionais para aquisição de equipamentos, que resultaram em recursos de mais de US\$ 40 milhões (veja quadro 1).

Outra iniciativa enfocada foi a recuperação da rede de bibliotecas, com a ampliação do acervo e melhoria de seus equipamentos (veja quadro 2). A instalação de um escritório de representação em Brasília e a criação do serviço de proteção à propriedade intelectual na Universidade também foram assinaladas no relatório. Da mesma maneira, a exposição do vice-reitor focalizou os estudos para elaboração de uma nova distribuição orçamentária entre as unidades, além de ressaltar a atuação do Conselho de Administração e Desenvolvimento (Cade) no controle da contratação de funcionários.



Arthur: empenho no controle de contratações



Kuri: universidade também deve se examinar

➤ “Essa ação do Cade impediu que ocorresse uma explosão no quadro de pessoal da UNESP?”

O relatório do vice-reitor privilegiou ainda o Programa de Assistência Social (Proas), que se ramifica em atividades como a distribuição de vales-refeição, a multiplicação dos Centros de Convivência Infantil (creches) e a implantação do serviço de assistência médica primário nos vários câmpus. Também foi analisada a organização, encabeçada pela Coordenadoria de Recursos Humanos (CRH), do novo plano de carreiras para os funcionários. Ainda na órbita da CRH, o vice-reitor destacou programas como o Treinamento de Língua Portuguesa, voltado para o aperfeiçoamento dos servidores. Por outro lado, o professor enumerou medidas que ainda não puderam ser finalizadas mas que são essenciais para a Universidade, por exemplo, a separação entre a Vice-Reitoria e a Pró-Reitoria de Administração e Desenvolvimento e a agilização da máquina administrativa.

A iniciativa de se desenvolver um processo de avaliação na UNESP foi saudada pelo debatedor, professor Sebastião Elias

Quadro 1

Recursos obtidos pela Assessoria de Recursos Extra-orçamentários (Acare) (89 a 92)	
Convênios	Valor em dólar
Franca-brasileira II	3.508.039,44
RDA	9.213.393,00
Hungria	4.274.285,00
Israel	16.913.236,23
Subtotal	33.908.953,67
Projetos especiais	
Sistema Paulista de Meteorologia	2.711.909,94
Conclusão das obras da Centra de Diagnósticas por Imagem	3.834.599,55
Cooperação Educacional para Construção da Calégia Técnica	534.000,00
Subtotal	7.080.509,49
Total	40.989.463,16

Quadro 2

Gastos com modernização e melhoria das bibliotecas		
Equipamentos	Quantidade	Valor em Cr\$
Equipamentos reprográficos (1)	61	53.722.379,84
Equipamentos de informática (2)	48	268.666.540,18
Materiais bibliográficos (3)	9.649	3.663.322.270,11(4)

1) Linhas telefônicas, fac-símiles, máquinas de xerox etc. — ana base: 91; (2) Leituras de CD-ROM, micras e impressoras — ana base: 92; (3) Periódicas estrangeiras e nacionais, livros etc. — ana base: 92; (4) Recursos arçamentários.

Kuri, reitor da Universidade Federal de São Carlos. “A universidade pública brasileira deve continuar com elevado espírito crítico, mas, ao mesmo tempo, não pode deixar de olhar para dentro de si própria.” Kuri assinalou que o relatório demonstra a complexidade de da Pró-Reitoria de Administração e Desenvolvimento, “o que não impediu uma atuação decisiva nos vários setores e atividades sob sua responsabilidade”. O reitor da UFSCar disse ainda que achou particularmente importante a melhoria do percentual do ICMS. “Isso permitiu uma realidade orçamentária mais compatível com os anseios e aspirações da UNESP”.

André Luis dos Santos, representante dos estudantes no CO, afirmou durante os debates que a máquina administrativa ainda está inchada e reclamou da manutenção dos equipamentos. O aluno também reivindicou a renovação do sistema de informática. “Algumas máquinas são do tempo em que eu entrei na UNESP, há de cinco anos.” Em resposta, o reitor, professor Paulo Milton Barbosa Landim, revelou que estão em andamento medidas para a modernização do parque de informática da Universidade.

Gestão consolida universidade multicâmpus

Para reitor, UNESP se afirmou na sociedade, mas ainda precisa melhorar em setores como área construída e informatização

O ciclo de debates sobre avaliação se encerrou com a discussão do relatório do reitor, professor Paulo Landim, que recordou que uma das linhas básicas de sua gestão foi a busca de identidade para a UNESP. “Acho que avançamos muito, nos afirmando como universidade multicâmpus, sintonizada com o interior sem perder a preocupação com questões universais.” O professor Landim focalizou alguns dos grandes problemas que sua administração enfrentou, como a crise econômica e a implantação da autonomia universitária. “A autonomia representou uma nova forma de administração financeira.”

Entre as principais propostas ligadas a seu plano de gestão, o reitor apontou o projeto destinado a ampliar o poder de decisão das unidades universitárias e criar novos critérios de distribuição do orçamento da UNESP. Também foi destacada a construção de instalações na Universidade: em 91, a área construída foi de 9.893m² e está prevista para 92 a construção de 22.641m². “Mesmo assim, ainda fizemos pouco para nossas necessidades, devido à falta de recursos.” Outra área que, na opinião do reitor, precisa ser mais incrementada é da informática.

O professor Landim analisou ainda o desempenho de suas assessorias, mencionando, por exemplo, a expansão das atividades da Assessoria de Comunicação e Imprensa — com iniciativas como o *Guia das Profissões* e o *Disque UNESP* — e a criação da Assessoria de Relações Internacionais. O trabalho da Assessoria Jurídica diante das questões legais e jurídi-



Landim: autonomia financeira foi desafio



Coelho: UNESP ainda é muito heterogênea

cas vividas pela UNESP e da Coordenadoria de Planejamento, Orçamento e Contabilidade, num momento de dificuldades financeiras, também receberam destaque.

Da mesma forma, o reitor enfatizou as ações do Centro de Processamento de Dados da Reitoria e de comissões como a de contratação docente e a de regime de

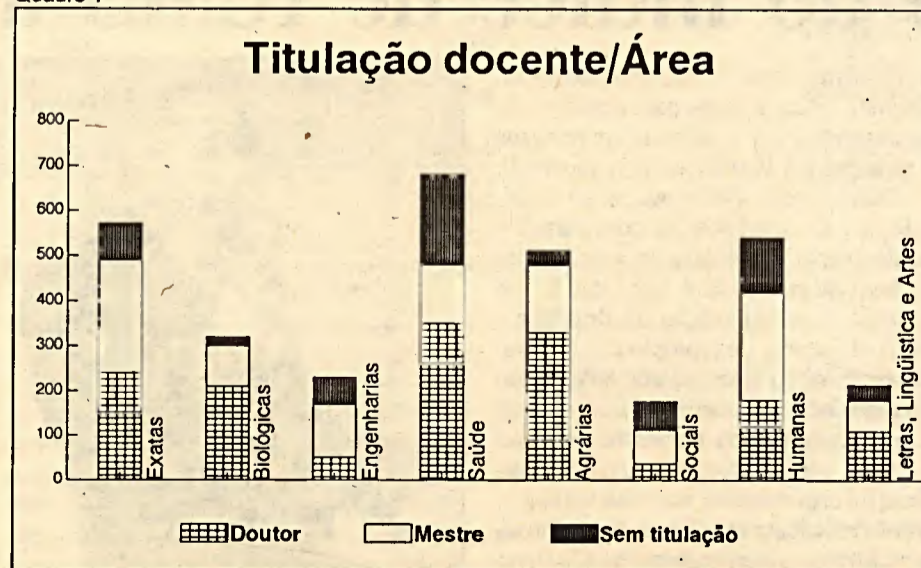
trabalho — ambas envolvidas no aperfeiçoamento da política acadêmica.

Entre os encargos da Secretaria Geral, o reitor colocou em primeiro plano a organização do Formulário Único, que irá sistematizar as informações sobre as atividades dos docentes. “Com o formulário, teremos subsídios para saber o que faremos no futuro.” O professor Landim terminou sua apresentação lembrando que o mérito pelos avanços, apesar dos anos difíceis, é de toda a Universidade. “Mandatários mudam, mas a comunidade permanece.”

Convidado a debater o relatório do professor Landim, Eduardo Pereira Coelho, presidente do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras, enfocou os pontos em que a UNESP se aprimorou e aqueles em que mostra deficiências. Como exemplos de avanços, Coelho listou o aumento da titulação acadêmica (*veja quadro*) e da produção científica, o aperfeiçoamento do processo de avaliação e a consolidação da autonomia universitária. Por outro lado, o presidente do Crub assinalou que a descentralização ainda tem muito que progredir e que a UNESP ainda possui muitas disparidades entre cursos e câmpus. “A heterogeneidade ainda não foi superada de todo.”

Após a análise do professor Coelho, os participantes do CO discutiram as questões expostas. O processo de informatização da Universidade foi criticado por Flávio Abranches Pinheiro, diretor da Faculdade de Ciências Agrônomicas, que propôs a criação de planos de informática locais. Já Leandra Sá de Lima, representante dos estudantes, declarou que a UNESP, em suas várias publicações, só apresentaria para a comunidade seus aspectos positivos. “Por isso, os alunos chegam com imagem errônea das condições da Universidade.”

Quadro 1



Candidatos a reitor expõem suas propostas

A escolha dos nomes que comandarão a Universidade nos próximos quatro anos está entrando em sua reta final. Duas importantes etapas do processo de sucessão na Reitoria já foram cumpridas. No dia 21 de agosto, todas as unidades apontaram suas preferências, definindo listas triplas para reitor e vice-reitor (veja os resultados na pág. 12). Já no dia 10 de setembro, encerrou-se o prazo para inscrição das chapas que irão concorrer às eleições dos próximos dias 20, 21 e 22 de outubro. Duas chapas foram inscritas: uma delas apresenta Antonio Cesar Perri de Carvalho, pró-reitor de Graduação, como candidato a reitor, tendo como vice Joji Ariki, ex-diretor da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias, câmpus de Jaboticabal. A outra reúne o atual vice-reitor, e pró-reitor de Administração e

Desenvolvimento, Arthur Roquete de Macedo, e o pró-reitor de Pós-graduação e Pesquisa, Antonio Manoel dos Santos Silva — que se candidatam respectivamente a reitor e vice. Nesta e nas páginas seguintes, publicamos as entrevistas com o professor Arthur e o professor Perri. As entrevistas foram organizadas e realizadas conjuntamente pela Adunesp, Sintunesp, DCE e Jornal da UNESP. As entrevistas, uma vez transcritas e editadas, tiveram seus textos lidos e aprovados pelos respectivos entrevistados.

Os dois candidatos responderam basicamente às mesmas perguntas, apresentando suas opiniões e propostas sobre a composição de órgãos colegiados, distribuição do orçamento, descentralização administrativa, o papel do Cruesp, entre outros temas.

ANTONIO CESAR PERRI DE CARVALHO

“Comunidade ajudará a planejar gestão”

Jornal da Unesp — Fale um pouco sobre sua trajetória acadêmica.

Prof. Antonio Cesar Perri de Carvalho — Meu câmpus de origem é o de Araçatuba, onde me formei em Odontologia em 69 e cheguei a professor titular em 83. Tenho cerca de cem artigos publicados na área clínica e um livro na minha especialidade, que é cirurgia bucal. Na Faculdade de Odontologia, desenvolvi projetos voltados ao aprimoramento do ensino, particularmente nas áreas de cirurgia e traumatologia buco-maxilo-facial. Em decorrência dessas atividades, acabei chegando à antiga Câmara Central de Graduação e na sequência tornei-me pró-reitor de Graduação. Gostaria de lembrar que também tive uma atuação forte à época da definição do Estatuto, participando das assembleias e grupos de estudo.

JU — Por que o senhor é candidato a reitor?

Perri — Resolvi refletir sobre convites que partiram de alguns câmpus. Acabei me lançando como candidato, reconhecendo que, pelo período em que atuei como presidente da antiga CGC, do CEPE e como pró-reitor de Graduação, tenho uma visão e uma experiência que poderão ser compartilhadas com toda a comunidade unespiana.

JU — O senhor é realmente candidato? Corre o boato de que no final acabaria saindo como vice de um dos outros candidatos.

Perri — Esses boatos são improcedentes. A possibilidade da minha candidatura já vinha se delineando desde o final do ano passado e eu apenas me recolhi um pouco para analisar todo o quadro. Quando publicamente tomei uma posição firme, no dia 23 de junho, eu assumi com o câmpus de Araçatuba o compromisso de colocar o meu nome à disposição para integrar as listas triplas.

JU — Quais serão os critérios para a escolha do seu vice-reitor?

Perri — Eu acredito que o ideal seria a formação de uma chapa após a elaboração das listas triplas por parte das congregações. Eu creio que não há como administrar uma universidade complexa como a UNESP se não houver sintonia entre os administradores. O vice-reitor deveria ter o perfil de um negociador hábil. Então, eu defendo que para uma lista tripla final haja uma vinculação do reitor com o vice e, se possível, que também já sejam apresentados os nomes cotados para pró-reitor.

JU — O que acha da atual estrutura de poder da Universidade? O novo

Estatuto não trouxe uma superposição de poderes?

Perri — Estamos vivendo uma nova experiência desde a implementação do Estatuto em 89. Há algumas áreas em que o choque é visível, como na relação entre Departamento e Conselho de Curso. O Estatuto criou o Conselho, mas manteve as atribuições do Departamento. Essa é uma das questões a serem analisadas no momento da revisão do Estatuto. A outra que considero importante é a desvinculação entre a Vice-Reitoria e a Pró-Reitoria de Administração e Desenvolvimento, já que ambas têm atribuições bastante claras. Finalmente, gostaria de lembrar que o Estatuto criou também muitas Comissões, mas que as unidades menores têm hoje dificuldades para compô-las. Na prática, o membro de uma comissão acaba sendo membro de outra, sobrecarregando seus afazeres acadêmicos.

JU — Como avalia o desenvolvimento das Pró-Reitorias?

Perri — Embora suspeita, minha avaliação é altamente positiva. As Pró-Reitorias permitiram mais atenção e prioridade a áreas importantes, o que não ocorria antes devido à sobrecarga de atribuições do reitor. Além disso, foi possível iniciar o processo de descentralização e de

maior envolvimento da comunidade através de visitas e reuniões constantes entre os pró-reitores e os elementos representativos nas suas áreas de atuação. Pudemos tomar uma série de medidas que já estão marcando época na Universidade, como as de incentivo ao ensino na Graduação.

JU — Quais seriam seus critérios para a criação de novos cursos de Graduação e Pós-Graduação? E quanto a novas incorporações?

Perri — A política de criação de novos cursos foi elaborada numa época anterior à autonomia financeira. Há necessidade de se rever essa política, com um melhor levantamento das necessidades regionais. Temos que preparar a expansão da UNESP a médio e longo prazo mas, ao mesmo tempo, reconhecer que tanto do ângulo orçamentário como do acadêmico não temos hoje condições de proceder a novas encampações. Como resposta a esse problema, estamos experimentando na Pró-Reitoria de Graduação o projeto Consórcio Intermunicipal de Educação do Leste Paulista, onde um pool de nove municípios recebe assessoria para suas redes de Educação e para suas faculdades. Assim, a UNESP entra com todo seu potencial disponível na região, mas sem os investimentos de uma encampação. ➤

► **JU — Quais as modificações necessárias para democratizar a CO?**

Perri — Faz parte de nossa proposta convocar logo no início da gestão a Assembléia Universitária. Será um grande momento para a Universidade, através dos seus três segmentos, apresentar suas reivindicações. Dessa Assembléia surgirão as moções que serão levadas ao Conselho Universitário, inclusive no tocante à revisão do Estatuto.

JU — Qual seria o papel ideal dos órgãos colegiados superiores como CEPE e CADE?

Perri — Com o Estatuto, nos últimos três anos, houve uma descentralização de competências do CO, para o já existente CEPE e para o recém-criado CADE. Assim, muitos assuntos nem chegam ao CO. Talvez devesse existir uma maior conscientização de que o Conselho Universitário deve agir como um delineador de políticas, um normatizador de projetos de gestão, dando inclusive uma certa tônica para os próprios CEPE e CADE. É essa interação que deve ser aprofundada na próxima gestão.

JU — O senhor concorda com a atual composição do Cruesp? Ela contempla a relação entre as três universidades para formulação de um projeto de ensino superior público paulista?

Perri — Eu defendo aquela deliberação do CO de ampliação do Cruesp, com a participação de representantes tanto da área técnica do reitor — e eventualmente das Pró-Reitorias — como da Adunesp, do Sintunesp e do DCE. Só através de uma participação efetiva dos segmentos junto ao Cruesp conseguiremos um denominador comum e melhor para as três universidades.

JU — O que pensa sobre a Lei Orgânica do Ensino Superior?

Perri — Eu considero indispensável que se discuta uma Lei Orgânica do Ensino Superior, inclusive para garantir a autonomia financeira das universidades porque, a rigor, ainda dependemos da vontade política do governador e dos deputados por ocasião da votação da Lei de Diretrizes Orçamentárias. E só através da Lei Orgânica essas conquistas estarão definitivamente garantidas.

JU — Como vê a situação orçamentária das três universidades e, em especial, da UNESP?

Perri — Existe uma informação oficial de que a UNESP estaria prejudicada em relação às outras universidades. Essa é uma

questão que viria à tona num Cruesp com participação ampliada, onde seria possível uma discussão mais aberta do real quadro das três universidades. Mas, independentemente dessa articulação, há necessidade de uma auto-avaliação para verificar se não temos internamente uma distribuição inadequada de recursos. Ainda dividimos as verbas de custeio pela tradicional e ultrapassada série histórica. Algumas unidades expandiram-se, criaram novos cursos, mas recebem aquele mesmo índice. Então é preciso uma boa avaliação interna, inclusive com uma auditoria.

JU — Qual seria o índice do ICMS ideal para a UNESP?

Perri — A questão do índice ideal está intrinsecamente ligada a um projeto de auto-avaliação institucional e revisão dos critérios internos de alocação de recursos. Não podemos ficar postulando um índice sempre maior, porque estaremos retirando recursos

tomar as medidas iniciais para que essa política se estabeleça.

JU — Haverá um projeto específico de incentivo aos grupos acadêmicos, previstos no Estatuto?

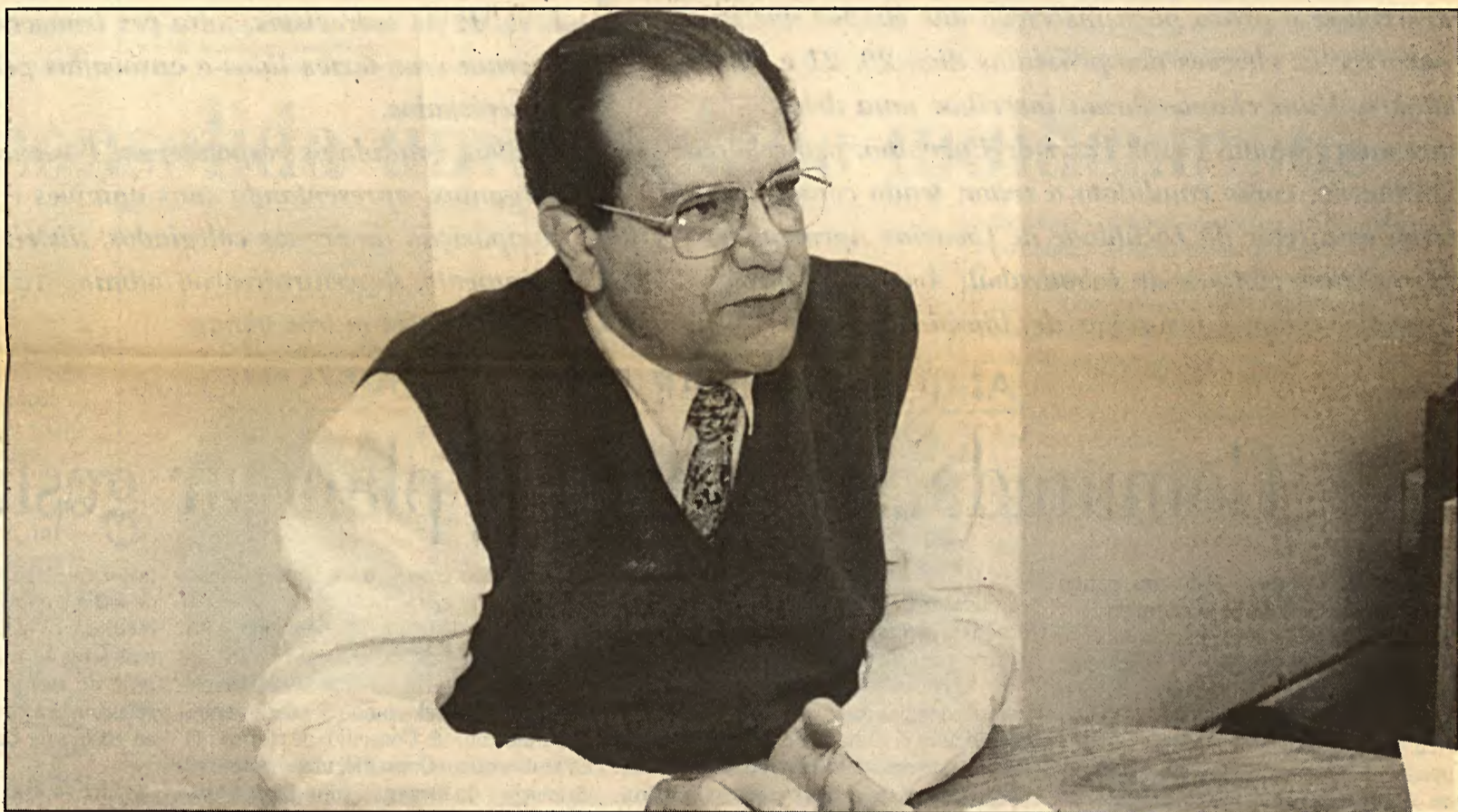
Perri — Há necessidade de se esclarecer melhor qual é o papel dos grupos acadêmicos. Eles foram criados dentro de uma premissa que parece muito interessante, entretanto não foi ainda viabilizada uma forma de privilegiá-los. Essa é uma das questões que precisam ser definidas. A pesquisa deve ser vista com muita atenção nas universidades estaduais paulistas, porque elas representam um oásis dentro do Brasil em face das agressões da política neoliberal do governo federal, que está aniquilando as universidades federais e o CNPq. Nesse cenário sombrio, temos de dar atenção à pesquisa básica e à social.

JU — Existe uma disparidade entre

minadas áreas basta a dedicação do docente durante um "xis" de horas, em outras áreas de ensino e pesquisa necessitamos do professor em tempo integral. Recentemente, o CEPE propôs que o docente não seja mais avaliado por uma comissão centralizada, mas pelo próprio Departamento. Com isso, seu tempo de dedicação ao ensino, pesquisa e prestação de serviços seria uma questão definida pelo Departamento, incluindo aí a opção pelo tempo integral ou não.

JU — Qual a melhor política para captação de recursos externos? Por quem e como deve ser definida? Qual o papel das fundações?

Perri — É imperiosa uma discussão ampla sobre a política de convênios, a interação universidade-empresa e outras ações que envolvam a captação de recursos. Precisamos definir qual é o nosso projeto de universidade e o perfil do profissional que



Perri: apoio à Assembléia Universitária, integração com ensino público, descentralização administrativa e Projeto Parceria

de outras áreas do governo, que também têm uma aplicação social.

JU - Qual sua proposta para a descentralização administrativa, financeira e acadêmica da UNESP?

Perri — É importante que nossas unidades assumam maiores atribuições e competências, eliminando uma dependência que ainda há em relação aos órgãos da Reitoria. Esses órgãos ficariam então liberados para o trabalho mais amplo de normatização e acompanhamento de atividades, sem o caráter executor. Questões como as contratações serão delegadas às unidades que, por estarem na ponta, têm melhores condições de resolver os problemas. Gostaria de destacar o projeto de descentralização acadêmica. Embora tenham esse discurso, muitas unidades têm dificuldade no encaminhamento dessa questão. A próxima gestão deve

as condições de trabalho e financeiras das três áreas básicas de ensino. É possível saná-la?

Perri — Eu confirmo essa disparidade porque sou um docente da área das Ciências Biológicas e me sinto um privilegiado, porque houve uma ênfase para essa área nas primeiras administrações da Universidade. Devem-se propiciar recursos-meios para equalizar as demais áreas. As Humanidades foram relegadas a um segundo plano no início, inclusive por um processo precipitado de redistribuição de cursos, mas hoje já representam a maioria das vagas na UNESP.

JU — O que pensa sobre o tempo integral? É fundamental?

Perri — O tempo integral foi muito importante na formação histórica da UNESP, porém precisamos distinguir as diversidades dentro da nossa Universidade. Se em deter-

queremos formar. Partindo dessas premissas é que a política de captação de recursos deverá ser reavaliada. As fundações devem também passar por um reestudo. A Fundunesp, por exemplo, não deve oferecer a mesma linha de financiamento que a Fapesp ou o CNPq. Deve-se dar mais atenção aos pesquisadores jovens como o mestre e o doutor recente, que não têm ainda condições de conseguir apoio de fundações externas. Entendo também que a UNESP não deva competir com áreas de pesquisas tradicionais em outras universidades, buscando um caminho próprio.

JU — Quais seriam as prioridades científicas e tecnológicas para um país de Terceiro Mundo? Qual o papel da universidade?

Perri — Um de nossos slogans de campanha é "Educação fortalecida, base para

Adriana Zebruskas



“Crescer com qualidade e harmonia”

o desenvolvimento”. Entendemos que não podemos levantar apenas a bandeira da alta tecnologia se estamos convivendo com a fome e a deficiência em todas as áreas. O maior investimento que se faz para o desenvolvimento de uma nação inicia-se pela educação. É em consequência disso que a tecnologia poderá ser mais bem desenvolvida.

JU — Como serão tratados o ensino, a pesquisa e a extensão?

Perri — A questão do ensino tem sido atacada desde que o reitor definiu 90 como o Ano do Ensino. Creio que já conseguimos dar um grande destaque ao tema, mas precisamos privilegiar ainda mais a Graduação. Os projetos de pesquisa, prestação de serviços e a implementação de cursos de Pós-Graduação devem estar sempre acoplados a um projeto pedagógico de curso. Havendo um curso de Graduação forte, naturalmente também ocorrerá o desenvolvimento de áreas de excelência na Pós-Graduação.

JU — O senhor teria uma proposta específica para alunos, professores e funcionários?

Perri — Além da participação coletiva no delineamento da gestão, através da Assembleia Universitária, e da administração com a co-participação dos diretores de unidade, é importante pensar numa política de recursos humanos para os servidores técnico-administrativos. Devemos buscar formas de aproximação com a Adunesp e o Sintunesp para a definição de uma política salarial. Com relação aos alunos, é hora de incentivar suas ações não só nos projetos dos cursos mas também em congressos e junto aos órgãos administrativos.

JU — Faça uma avaliação da UNESP. Quais os principais problemas e soluções?

Perri — A avaliação é extremamente otimista. Saímos da fase em que a UNESP era um mero agregado de institutos isolados. Na atual gestão, ela firmou-se como a universidade “caipira”, com um ensino de qualidade em todas as regiões do Estado e conseguindo um respeito político das comunidades. Tanto que muitos políticos manifestaram-se favoravelmente nos anos anteriores, quando a UNESP postulava o aumento do seu índice de ICMS. O fato de ela ser multicampus, que poderia ser razão de fraqueza, representou maior aproximação dos projetos com a comunidade. A UNESP é hoje a universidade multicampus que deu certo.

JU — Gostaria de deixar mais alguma mensagem?

Perri — Eu queria dar muita ênfase ao Projeto Parceria, que deve ser ampliado de maneira que a UNESP possa prestar assessoria às Prefeituras quanto à aplicação de seu orçamento. É pouco divulgado, mas neste ano mais de 200 municípios tiveram suas contas rejeitadas pelo Tribunal de Contas por má aplicação das verbas de Educação.

Jornal da UNESP — Fale um pouco sobre sua trajetória acadêmica.

Professor Arthur Roquete de Macedo — Fui aluno da primeira turma da Faculdade de Medicina de Botucatu, fiz residência na área de cirurgia geral e do aparelho digestivo. O doutoramento e a livre-docência foram realizados respectivamente em 73 e 79, também na UNESP e o pós-doutoramento em 80 e 81 na Universidade da Califórnia. Como atividade acadêmica, desenvolvemos várias linhas de pesquisa originais no Brasil como os exames angiográficos no diagnóstico traumo-hepático e um projeto de transplante pancreático vascularizado total, que foi pioneiro na América Latina. Tenho cerca de quarenta trabalhos publicados e recebi quatro prêmios da Academia Nacional de Medicina. Fui fundador do primeiro Centro Acadêmico da Faculdade e presidente da Associação dos Docentes do câmpus de Botucatu. Exerci diversas vezes a chefia do Departamento e fui eleito pela comunidade vice-diretor e diretor da Faculdade, e foi através da consulta à comunidade que também cheguei à Vice-Reitoria.

JU — Por que o senhor é candidato a reitor?

Macedo — Eu sou candidato basicamente porque tenho apoio na comunidade e me acho preparado, devido ao conhecimento que tenho da UNESP. Durante 29 anos dei minha contribuição para a defesa da Universidade e do ensino público. Em segundo lugar, porque adquiri ao longo dos anos uma experiência administrativa importante, que foi muito enriquecida na atual gestão. Exercendo a Pró-Reitoria de Administração e a Vice-Reitoria, nós adquirimos contatos importantes e aprendemos a gerenciar de modo adequado a autonomia de gestão financeira. Eu tenho condições de aprimorar ou modificar as atividades desta gestão. Em terceiro lugar, tive a oportunidade de, a convite do Conselho de Reitores Europeus, visitar mais de quinze universidades e estudar profundamente assuntos como a avaliação acadêmica e a administração universitária.

JU — Quais serão os critérios para a escolha de seu vice-reitor?

Macedo — Sou totalmente favorável a que o processo seja feito por meio de chapas, porque acho que deve haver uma consonância muito grande entre o reitor e o vice. Devem ser pessoas que se complementem e, dessa sinergia, você pode tirar um resultado positivo para a administração da Universidade.

JU — O que acha da atual estrutura de poder da Universidade? O novo Estatuto não trouxe uma superposição de poderes?

Macedo — Considero o Estatuto da UNESP um dos mais avançados do País. Ele democratizou os processos decisórios, que hoje são fundamentalmente estabelecidos

pela comunidade por meio dos órgãos colegiados. Durante essa mudança pela ampliação do CO e do CEPE e com a criação do CADE e das Pró-Reitorias, evidentemente ocorreu um processo de superposição. Mas acho que a comunidade da UNESP já está madura para fazer nos próximos anos uma reformulação do Estatuto que permita sanar essas dificuldades. Uma das contradições que existem é exatamente entre as atribuições dos conselhos de curso e as do departamento. É necessário compatibilizar a atuação dessas duas estruturas.

JU — Como avalia o desempenho das Pró-Reitorias?

Macedo — Eu acho que elas acrescentaram uma nova dimensão à UNESP mas vejo um problema, que é o fato do vice-reitor acumular a Pró-Reitoria de Administração e Desenvolvimento. O ideal seria um pró-reitor que pudesse cuidar exclusivamente das questões administrativas, liberando o vice-reitor para auxiliar o reitor na política geral da universidade. Eu digo isso com conhecimento de causa, porque exerci as duas funções cumulativamente.

JU — Quais seriam seus critérios para a criação de novos cursos de Graduação e Pós-Graduação? E quanto a novas incorporações?

Macedo — A UNESP já cresceu o suficiente e já demos nossa contribuição para a ampliação do ensino público. É claro que eventualmente podem surgir incorporações que sejam importantes para a Universidade ou sob o ponto de vista social. Uma questão como essa teria que passar por um processo amplo de discussão na comunidade. Em princípio, pessoalmente sou contra. É diferente o caso da ampliação de cursos de Graduação e Pós-Graduação nas nossas unidades. Temos condições de ampliar alguns cursos, principalmente os noturnos, mas todo o processo de ampliação deve ser precedido de um bom planejamento acadêmico, administrativo e orçamentário e discutido amplamente nos órgãos colegiados.

JU — Quais as modificações necessárias para democratizar o CO?

Macedo — Particularmente acho que o CO tem uma estrutura bastante democrática, mas muitas vezes os representantes não passam para a comunidade os debates ali realizados. Outro aspecto negativo é o tempo perdido com discussões menos importantes, deixando de lado o debate sobre as questões maiores da Universidade. Então eu acho que devemos repensar a composição do CO durante a revisão do Estatuto.

JU — Qual seria o papel ideal dos órgãos colegiados superiores como CEPE e CADE?

Macedo — Depois de definido o Regimento Geral da UNESP e o Regimento de cada um desses conselhos será possível estabelecer um fluxograma adequado para o tratamento das questões acadêmicas e ad-

ministrativas, evitando as superposições. Apesar de alguns desacertos iniciais, o CADE teve, por exemplo, um papel importante na transparência administrativa e na redistribuição orçamentária da Universidade.

JU — O senhor concorda com a atual composição do Cruesp? Ela contempla a relação entre as três universidades para a formação de um projeto de ensino superior público paulista?

Macedo — Não concordo com a atual composição, que deveria ser ampliada. O Cruesp deveria ser um órgão de desse unicidade, consistência a esse sistema de ensino, pensando a autonomia da universidade, mas na verdade ele tem discutido muito pouco o ensino superior e tratado muito mais de salários e orçamento. A atuação do Cruesp tem que ser reformulada e isso passa necessariamente por sua ampliação.

JU — O que pensa sobre a Lei Orgânica do Ensino Superior?

Macedo — Uma necessidade. A proposta da Adusp foi aprovada em termos gerais pelas demais entidades, mas tem alguns problemas. Ela criou o chamado conselho social, uma idéia que vai dar credibilidade ao Cruesp, mas com uma composição ampliada demais, dificultando sua função precípua de avaliar as atividades das universidades. Ao mesmo tempo, as entidades não seguiram a mesma lógica na composição do Cruesp, que a meu ver deveria ser ampliada, inclusive com representantes da comunidade.

JU — Como vê a situação orçamentária das três universidades e, em especial, da UNESP?

Macedo — A situação é delicada e foi agravada pela recessão. Comparado com 89, o orçamento que será destinado para as universidades em 92 será 18% menor que o do ano passado, mesmo o percentual tendo passado de 8,5% para 9% do ICMS. A situação da UNESP é ainda mais complicada, porque na última década viveu uma fase que não permitiu investimentos. Hoje basicamente pagamos salários e fazemos um custeio mínimo, mesmo tendo conseguido neste ano uma parcela de 2,205% mais 0,095% para investimento, o que dá um total de 2,30%. Os estudos estão ainda muito aquém do que precisamos.

JU — Qual seria o índice do ICMS ideal para a UNESP? Justifique.

Macedo — Nós lutamos por um índice de 2,40% baseados na análise dos dados da UNESP e das outras universidades. Foi um trabalho com parâmetros acadêmicos e técnico-científicos, que levou em consideração a falta de investimento na UNESP na última década e inclusive projeções a respeito da arrecadação. A UNESP gastou efetivamente 2,40% em 90 e 2,42% em 91, confirmando que a projeção feita em 89 estava correta. Portanto, este deveria ser o nosso percentual.



➔ **JU — Quais seriam seus critérios para alocação de recursos no interior da UNESP?**

Macedo — Um dos maiores problemas da UNESP é a distribuição orçamentária baseada numa série histórica que nunca foi revista e gerou um desenvolvimento irregular de algumas unidades. A minha proposta é que seja feita uma revisão orçamentária baseada em parâmetros técnicos aceitos internacionalmente. Ela deve ainda considerar o atual estágio de desenvolvimento de cada unidade.

JU — Qual sua proposta para a descentralização administrativa, financeira e acadêmica da UNESP?

Macedo — A minha proposta é que a Reitoria seja um órgão de planejamento, coordenação, acompanhamento e apoio. O que se propõe é uma descentralização acadêmica, administrativa e orçamentária em que todo processo de execução será de responsabilidade da unidade, com plena autonomia. É óbvio que teremos um trabalho de acompanhamento para evitar que essa descentralização transforme-se em fragmentação e para verificar se as normas decididas em nível de Reitoria, com participação dos órgãos colegiados, estão sendo seguidas.

JU — Haverá um projeto específico de incentivo aos grupos acadêmicos, previstos no Estatuto?

Macedo — Temos grupos acadêmicos funcionando, mas tenho a impressão que a comunidade sabe pouco a respeito de suas atividades. Então, perde-se a oportunidade de receber contribuições e apoio para aperfeiçoar um trabalho que, até o momento, tem sido positivo.

JU — Existe uma disparidade entre as condições de trabalho e financeiras das três áreas básicas de ensino. É possível saná-la?

Macedo — A UNESP apresenta disparidade entre áreas de conhecimento, câmpus, setores e unidades, mas ela precisa de um desenvolvimento harmônico, com um padrão mínimo de qualidade em todas as áreas de conhecimento. A principal proposta do meu plano de gestão é procurar diminuir os desníveis existentes. Isso não é fácil em situação nenhuma e muito menos numa situação de escassez de recursos. É um trabalho para oito ou dez anos, mas que deve ser iniciado o mais rápido possível. Tenho convicção de que é possível fazê-lo, buscando, por meio de projetos, recursos extra-orçamentários.

JU — O que pensa sobre o Tempo integral? É fundamental?

Macedo — Você pode observar que as

unidades onde o tempo integral é obedecido de forma efetiva tiveram um desenvolvimento muito grande no ensino, na pesquisa e na extensão. Entretanto, você não precisa ter todos os docentes em tempo integral, até porque a Universidade perderia bons quadros que não se interessariam por esse regime de trabalho. A fiscalização do cumprimento do tempo integral deve ser feita em nível de unidade. Vamos cobrar isso e aí entra a importância de um processo de avaliação, que passa a ser fundamental para estabelecer diretrizes, corrigir distorções e fiscalizar o desempenho das atividades.

JU — Qual a melhor política para captação de recursos externos? Por quem e como deve ser definida? Qual o papel das fundações?

Macedo — Acho imprescindível que se estabeleça um programa de captação de recursos discutido amplamente na comunidade e com diretrizes garantindo que as

da universidade pública, que é uma das poucas instituições que têm um compromisso com a nacionalidade, com o social e têm recursos humanos capacitados, além de laboratórios, bibliotecas, para promover essa atuação. Acho que no atual processo de globalização da economia, mesmo as nações subdesenvolvidas terão que desenvolver recursos humanos capacitados a gerar tecnologia própria, se quiserem garantir um mínimo de soberania.

JU — Como serão tratados o ensino, a pesquisa e a extensão na sua gestão?

Macedo — Nossas propostas se fundamentam em dois pontos básicos: toda atividade na Universidade deve ter caráter pedagógico e, mais do que ensinar, a universidade pública deve educar, formar o aluno. Acho fundamental promover a alteração da grade curricular e uma revisão ampla do conteúdo programático dos nossos cursos, que na maioria dos casos estão de-

são. Pretendo estimular a titulação dos docentes que ainda não fizeram doutorado e elaborar o Estatuto da carreira docente. Com relação ao corpo técnico-administrativo, a primeira proposta é estabelecer a partir do ano que vem um processo de reavaliação do Plano de Carreira. Também vamos promover cursos de capacitação e aperfeiçoar os benefícios sociais como creche, vale-refeição e auxílio-Graduação. Para os alunos, acho importante ampliar os estágios supervisionados e remunerados, já comuns na área biológica, para as áreas de humanidades e tecnologia. Será dada continuidade à política de implantação da moradia e restaurantes universitários, porém com refeições a preço de custo e não totalmente subsidiadas.

JU — Faça uma avaliação da UNESP. Quais os principais problemas e soluções?

Macedo — Temos problemas históricos. Fomos constituídos sem nenhum planeja-



Arthur: a favor da administração descentralizada, maior participação no ICMS e aprimoramento do Plano de Carreira

atividades-fim da Universidade não sejam prejudicadas. Você tem que utilizar essa captação de recursos para aperfeiçoar o ensino e a Pós-Graduação de forma que não haja um desequilíbrio entre pesquisa básica e aplicada. Os órgãos colegiados é que devem definir se os projetos são ou não do interesse da Universidade. As fundações devem agilizar esse processo, como acontece hoje na Europa e mesmo no Brasil, mas acredito também que elas devam fornecer relatórios periódicos sobre suas atividades para os órgãos colegiados.

JU — Quais as prioridades científicas e tecnológicas para um país de Terceiro Mundo? Qual o papel da Universidade?

Macedo — Não vejo a mínima condição de promover um desenvolvimento científico e tecnológico no País sem o concurso

de recursos humanos e estabelece as linhas de pesquisa. Quanto à extensão, deve estar sempre interligada às atividades de pesquisa e ensino. Devemos interagir com a comunidade por meio de projetos de interesse social elaborados em conjunto com o poder público ou junto à pequena empresa nacional, que não tem como investir em desenvolvimento tecnológico.

JU — O senhor teria uma proposta específica para professores, funcionários e alunos?

Macedo — Eu acho que temos que estudar mecanismos de progressão horizontal na carreira, mas não por tempo de serviço, como fez o sistema federal, mas por meio de uma avaliação real da produção global do docente — ensino, pesquisa e exten-

mento, a partir de unidades geograficamente distantes e de estágio evolutivo diferente. Na década de 80, não tivemos investimentos para corrigir esses desequilíbrios e, como somos uma universidade nova, temos um corpo docente com uma titulação que ainda deixa a desejar. Do lado positivo, temos presença em praticamente todas as regiões do Estado, o que permite uma interação muito grande com a sociedade. Outro fato positivo é que sempre demos atenção especial à Graduação e o que temos que fazer agora é aperfeiçoá-la e ampliar nossa produção científica ligada à alta tecnologia. Em razão do seu potencial e do desenvolvimento do interior de São Paulo, acho que a UNESP será a universidade brasileira com o melhor desempenho da próxima década, devendo se constituir em um instrumento importante para defesa do ensino público.

Márcia Minillo



Um perfil das universidades públicas

Relatório com desempenho das instituições é entregue ao governador do Estado

No último dia 4 de agosto, os reitores das três universidades estaduais paulistas (UNESP, USP e Unicamp) entregaram ao governador do Estado, Luiz Antônio Fleury Filho, um relatório com indicadores que retratam o desempenho dessas instituições de ensino. O estudo, realizado há cinco meses e inédito no País, traça o perfil das universidades desde sua produção científica, literária e artística, cursos de graduação e pós-graduação e infra-estrutura até índices de evasão escolar e custo aluno/ano, tendo como base o exercício de 1990.

Os critérios utilizados na elaboração do documento ainda são considerados insatisfatórios pelo Cruesp (Conselho de Reitores das Universidades Estaduais Paulistas) e devem ser aprimorados até o início do próximo ano. Os membros do Conselho, porém, são unânimes quanto à importância da iniciativa para a melhoria da qualidade de ensino. "O relatório apresenta uma visão conjunta e crítica de cada universidade e de seu sistema operacional", declara Carlos Vogt, reitor da Unicamp. Além do auto conhecimento, a avaliação é um mecanismo que permitirá à universidade prestar



Os reitores Lobo, da USP, Landim, da UNESP, e Vagt, da Unicamp: visão crítica das universidades

contas à comunidade. "A sociedade tem o direito de estar a par dos trabalhos desenvolvidos pela universidade que custeia", observa Paulo Milton Barbosa Landim, reitor da UNESP.

O documento trouxe ao conhecimento público dados significativos. Constatou-se, por exemplo, que o custo estudante/ano é de US\$ 9.136, na Unicamp; US\$ 5.310, na USP e US\$ 6.163, na UNESP — uma média baixa se comparada às 25 melhores universidades americanas (US\$ 38.739 aluno/ano). De acordo com o documento, a USP produzia 53% das teses de doutorado elaboradas no País em 1991; a UNESP, 7%; e a Unicamp, 16%. Verificou-se ainda que a evasão escolar nos cursos de graduação é de 43% na USP, 40% na Unicamp e 39% na UNESP.

Os indicadores de desempenho deverão ser utilizados para orientar a divisão de verbas orçamentárias para as universidades a partir de 1993. "A avaliação vai gerar uma saudável disputa entre as três instituições", comenta Carlos Delben Leite, secretário estadual da Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico.

ICMS

Não à sonegação

A UNESP, assim como a USP e a Unicamp, está se empenhando no êxito da Gincana da Nota Fiscal, uma campanha organizada pela Secretaria da Fazenda que visa aumentar a arrecadação do ICMS por meio do combate à sonegação. O público-alvo da campanha são os 6,5 milhões de alunos da rede oficial de ensino, mas a população em geral está sendo convidada a participar (veja quadro).

O lançamento oficial da Gincana da Nota Fiscal foi feito na Cidade Universitária, em São Paulo, no dia 30 de agosto. A USP e a Secretaria da Fazenda, com a colaboração de outros setores do Estado (Cultura, Saúde, Polícia Militar, Secretaria do Menor etc.), realizaram um grande evento artístico-cultural que contou com a participação de aproximadamente 200 mil pessoas. A Unicamp participou do evento em Campinas, no dia 13, e outras regiões do Interior ficaram por conta da UNESP.

A escolha das cidades atendeu a critérios de distribuição geográfica aliada à pre-

sença de mídia eletrônica eficiente como forma de garantir o maior número de pessoas nos eventos.

Em São José do Rio Preto, no dia 13 deste mês, cerca de 12 mil pessoas foram ver as apresentações de Sérgio Reis e Alceu Valença. Em Jaboticabal, no dia 19, a programação teve início às 14 horas, com a Banda do Colégio Agrícola, e se estendeu até o final da noite, com o show de Gilberto Gil. Apresentaram-se ainda Luiz Wagner e o grupo Premeditando o Breque. Para Bauru, no domingo, 20, também foram previstas mais de dez horas de atividades, culminando com a participação de Toquinho e Almir Sater.

Em Franca, no dia 27, o show da nota fiscal contará com a dupla Chicotinho e Salto Alto e os cantores Walter Franco, Guilherme Arantes e Ivan Lins. Finalmente, em Guaratinguetá (10 de outubro), se apresentarão a Banda Sinfônica do Estado de São Paulo, Renato Teixeira com a dupla Pena Branca e Xavantinho e o cantor Fagner.

Está tudo aqui, na cartilha

Todos os alunos da rede oficial de ensino estão recebendo uma cartilha que explica o que é o ICMS, onde os recursos do imposto são aplicados e como funciona a Gincana. Para participar, eles têm que levar envelopes contendo dez notas ou talões fiscais e depositar em uma urna de sua escola. Com isso, concorrem a prêmios semanais e mensais. Depen-

dendo do número de envelopes que arrecadarem, as escolas receberão quantias em dinheiro, em nome da Associação de Pais e Mestres.

A participação da população se dá da mesma forma: cada pessoa deposita na urna da escola que preferir envelopes com dez notas fiscais. Os sorteios serão semanais, pela televisão.

MÚSICA

Contrabaixo em alta

Por 400 anos o contrabaixo foi considerado um instrumento de fundo na orquestra. O músico norte-americano Gary Karr, o melhor solista de contrabaixo do mundo, segundo a revista Time Magazine, está liderando um movimento para mudar esse conceito. Professor de contrabaixo há quatorze anos na Universidade da Hartford, em Connecticut, e criador da Karr Doublebass Foundation, uma associação que realiza um intenso intercâmbio mundial entre os contrabaixistas, Karr quer ampliar o repertório do instrumento, principalmente nas áreas de jazz e música popular. "O contrabaixo aparece com destaque no jazz e desaparece no clássico", afirma. Karr esteve em São Paulo entre os dias 31 de agosto e 4 de setembro para participar, como convidado especial, do II Encontro Nacional de Contrabaixo, promovido pelo Instituto de Artes (IA)

e o Centro Experimental de Música do Sesc. Durante o evento, realizado no Sesc Vila Nova, o músico ministrou *workshops* e ensinou para a platéia de estudantes de várias universidades do País como tocar o instrumento com uma técnica de atuação própria. "Eu toco como se fosse surdo", explica ele. "Mais sinto do que ouço a música."

Como o instrumento sugere as formas de uma mulher e é tocado sempre de encontro ao corpo do músico, Karr assegura que, em cada apresentação, vive uma espécie de "relação sensual". "É sempre muito excitante", suspira.

Outro participante do evento, o músico uruguaio Milton Masciadri Júnior, da Universidade da Geórgia, nos Estados Unidos, não poupa elogios ao contrabaixista: "Ele é um dos maiores divulgadores do instrumento, em todo o mundo", afirma.



O contrabaixista Karr: relação sensual com o instrumento

SUCESSÃO

Congregações indicam candidatos

Comunidade aponta, em listas triplíces, nomes de candidatos a reitor e vice-reitor

A comunidade da UNESP apontou os nomes que deseja ver no comando da Reitoria a partir do ano que vem. As congregações de cada uma das 24 unidades elaboraram suas listas triplíces, a partir dos critérios estabelecidos por elas mesmas, conforme prevê o Estatuto da Universidade. Ao todo, 30 docentes foram votados para reitor e 37 para vice-reitor. O nome mais indicado para reitor é Arthur Roquete de Macedo, que consta nas listas de 23 unidades. Em segundo lugar aparece Antonio Cesar Perri de Carvalho, com 16 indicações. Em seguida vêm Jehud Bortolozzi, apontado em três listas, e Mario Rubens Guimarães Montenegro e William Saad Hossne, ambos com duas indicações. Para vice-reitor, Antonio Manoel dos Santos Silva contou com 23 indicações, seguido de Joji Ariki e Telmo Correia Arrais, com cinco. Os professores Amilton Ferreira, Antonio Cesar Perri de Carvalho, Wagner José Oliva e William Saad Hossne também receberam menção em duas listas de vice-reitor cada um.

As formas mais utilizadas pelas congregações foram a consulta à comunidade, depois homologada, e a votação por membros do colegiado. Algumas unidades utilizaram, no caso da consulta, o índice resultante do número de votos de cada segmento dividido pelo número de eleitores. Desse modo, não houve homogeneidade no cômputo final de votos. Por isso, o **Jornal da UNESP** publica, a seguir, as listas enviadas sem o número de votos de cada candidato. O passo seguinte à elaboração das listas foi a inscrição das chapas de reitor e vice-reitor (ver entrevistas com os candidatos nas páginas 7 a 10)

Aqui, as listas triplíces

FO-Araçatuba (Congregação) — Reitor — Antonio Cesar Perri de Carvalho, Arthur Roquete de Macedo, Roberto Holland. Vice-reitor — Antonio Manoel dos Santos Silva, Tetuo Okamoto, Telmo Correia Arrais.

FCF-Araraquara (Consulta) — Reitor — Arthur Roquete de Macedo, Antonio Cesar Perri de Carvalho, Lourival Larini. Vice-reitor — Antonio Manoel dos Santos Silva, Joji Ariki, Lourival Larini.

FCL-Araraquara (Consulta) — Reitor — Antonio Cesar Perri de Carvalho, Arthur Roquete de Macedo, Jorge Nagle. Vice-reitor — Antonio Manoel dos Santos Silva, José Enio Casalechi, Antonio Cesar Perri de Carvalho.

FO-Araraquara (Congregação) — Reitor — Arthur Roquete de Macedo, Wellington Dinelli, Luís Roberto de Toledo Ramalho. Vice-reitor — Antonio Manoel dos Santos Silva, José Eduardo Nogueira Silveira, Raphael Carlos Comelli Lia.

IQ-Araraquara (Consulta) — Reitor — Cirano Rocha Leite, Antonio Cesar Perri de Carvalho, Arthur Roquete de Macedo. Vice-reitor — William Saad Hossne, Antonio Manoel dos Santos Silva, Antonio Carlos Massabni.

FCL-Assis (Congregação) — Reitor — Antonio Cesar Perri de Carvalho, Arthur Roquete de Macedo, Manoel Lelo Bellotto. Vice-reitor — Antonio Manoel dos Santos Silva, Telmo Correia Arrais, William Saad Hossne.

FAAC-Bauru (Congregação) — Reitor — Arthur Roquete de Macedo, Antonio Cesar Perri de Carvalho, Jehud Bortolozzi. Vice-reitor — Antonio Manoel dos Santos Silva, Jehud Bortolozzi, Telmo Correia Arrais.

FC-Bauru (Congregação) — Reitor — Arthur Roquete de Macedo, Jehud Bortolozzi, Antonio Cesar Perri de Carvalho. Vice-reitor — Antonio Manoel dos Santos Silva, Jehud Bortolozzi, Antonio Celso Wagner Zanin.

FET-Bauru (Consulta) — Reitor — Arthur Roquete de Macedo, Antonio Cesar Perri de Carvalho, Jehud Bortolozzi.

lozzi. Vice-reitor — Antonio Manoel dos Santos Silva, Wagner José Oliva, Antonio Cesar Perri de Carvalho.

FCA-Botucatu (Congregação) — Reitor — Arthur Roquete de Macedo, Flávio Abranches Pinheiro, Antonio Cesar Perri de Carvalho. Vice-reitor — Antonio Manoel dos Santos Silva, Flávio Abranches Pinheiro, Chukichi Kurozawa.

FM-Botucatu (Congregação) — Reitor — Arthur Roquete de Macedo, Mario Rubens Guimarães Montenegro, Domingos Alves Meira. Vice-reitor — Antonio Manoel dos Santos Silva, Paulo José Ferreira Tucci, Mario Rubens Guimarães Montenegro.

FMVZ-Botucatu (Congregação) — Reitor — Arthur Roquete de Macedo, Waldir Gandolfi, Marcio Rubens Graf Kuchembuck. Vice-reitor — Waldir Gandolfi, Antonio Manoel dos Santos Silva, Marcio Rubens Graf Kuchembuck.

IB-Botucatu (Congregação) — Reitor — Arthur Roquete de Macedo, Cecílio Linder, Mario Rubens Guimarães Montenegro. Vice-reitor — Antonio Manoel dos Santos Silva, Edmundo José de Lucca, Jayme de Toledo Piza e Almeida Neto.

FHDSS-Franca (Consulta) — Reitor — Arthur Roquete de Macedo, João Grandino Rodas, José Ribeiro Júnior. Vice-reitor — João Grandino Rodas, Antonio Manoel dos Santos Silva, José Ribeiro Júnior.

FE-Guaratinguetá (Consulta) — Reitor — Arthur Roquete de Macedo, William Saad Hossne, Amilton Ferreira. Vice-reitor — Wagner José Oliva, Antonio Manoel dos Santos Silva, Roberto Ribeiro Bazilli.

FE-Ilha Solteira (Consulta) — Reitor — Antonio Cesar Perri de Carvalho, Arthur Roquete de Macedo, Jubert Sanchez Cibantos. Vice-reitor — Antonio Manoel dos Santos Silva, Joji Ariki, Jubert Sanchez Cibantos.

FCAV-Jaboticabal (Congregação) — Reitor — Antonio Cesar Perri de Carvalho, Carlos Ruggiero, Joji Ariki. Vice-reitor — Carlos Ruggiero, Fernando Mesquita Lara, Joji Ariki.

FFC-Marília (Consulta) — Reitor — Arthur Roquete de Macedo, Antonio Cesar Perri de Carvalho, Clodoaldo Bueno. Vice-reitor — Antonio Manoel dos Santos Silva, Telmo Correia Arrais, Arthur Roquete de Macedo.

FCT-Presidente Prudente (Consulta) — Reitor — Arthur Roquete de Macedo, Antonio Cesar Perri de Carvalho, Alvanir de Figueiredo. Vice-reitor — Antonio Manoel dos Santos Silva, Alvanir de Figueiredo, Wolmar Aparecida de Carvalho.

IB-Rio Claro (Consulta) — Reitor — Arthur Roquete de Macedo, Antonio Cesar Perri de Carvalho, Antonio Manoel dos Santos Silva. Vice-reitor — Antonio Manoel dos Santos Silva, Amilton Ferreira, Sérgio Nereu Pagano.

IGCE-Rio Claro (Congregação) — Reitor — Arthur Roquete de Macedo, Antonio Christofolletti, Vicente José Fulfaro. Vice-reitor — Antonio Manoel dos Santos Silva, Amilton Ferreira, José Humberto Barcelos.

IBILCE-São José do Rio Preto (Consulta) — Reitor — Arthur Roquete de Macedo, Antonio Cesar Perri de Carvalho, Antonio Espada Filho. Vice-reitor — Antonio Manoel dos Santos Silva, Joji Ariki, Laerte Miola.

FO-São José dos Campos (Consulta) — Reitor — Arthur Roquete de Macedo, Roberto Antonio Nicodemo, José Roberto de Oliveira e Silva. Vice-reitor — Antonio Manoel dos Santos Silva, José Benedito de Mello, Antenor Araújo.

IA-São Paulo (Congregação) — Reitor — Antonio Cesar Perri de Carvalho, Arthur Roquete de Macedo, William Saad Hossne. Vice-reitor — Antonio Manoel dos Santos Silva, Joji Ariki, Telmo Correia Arrais.

HOMENAGEM

Octávio Ianni: vida e obra

A vida e obra do sociólogo Octávio Ianni será o tema da IV Jornada de Ciências Sociais que deverá ser realizada de 21 a 24 de setembro na Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) do campus de Marília. Segundo a professora Maria Izabel Leme Faleiros, coordenadora dos trabalhos, o evento já virou uma tradição na área de Ciências Sociais e, desde que começou a ser realizado, em 1986, homenageou nomes importantes da inteligência brasileira, como Florestan Fernandes, Caio Prado e Antônio Cândido. "O caráter do evento é nacional e temos a participação de professores e estudantes de várias universidades do País", afirma ela.

Na abertura da Jornada, participarão da sessão de depoimentos os professores Florestan Fernandes, Antônio Cândido e Amélia Cohn, da USP, além de Miguel Chaia, da PUC/SP, e Paulo de Salles de Oliveira, da UNESP, que tiveram uma convivência profissional com o cientista social. Nos outros dias serão organizadas mesas-redondas para discutir os eixos temáticos das obras de Ianni. No último dia, o próprio Octávio Ianni, que atualmente dá aulas na Unicamp, fará uma palestra para encerrar a Jornada.

As inscrições poderão ser feitas de preferência até o dia 11 de setembro. Até essa data a taxa será de Cr\$ 60 mil para estudantes e Cr\$ 90 mil para professores e outros profissionais. A partir do dia 12 de setembro, estudantes pagarão Cr\$ 90 mil e os demais Cr\$ 120 mil. Maiores informações pelo telefone (014) 33-1844, ramais 132 (Vera) ou 147 (Alice).



O órgão: reforma de Cr\$ 5 milhões

Bach e Hendel reinauguram órgão

Com os tubos de metal, fole, parte elétrica-pneumática e a fachada totalmente restaurados, o órgão tubular do Instituto de Artes da UNESP foi reinaugurado no último dia 11 de agosto. Além de promover a recuperação do instrumento, fabricado em 1929, em Milão, a direção do IA também alterou a sua disposição na sala Maestro Furio Franceschini, que o abriga, a fim de melhorar a qualidade do som. "A música e os músicos ganharam muito com a reforma", comenta John Boudler, diretor do IA.

O trabalho de restauração foi realizado pelo organeiro José Carlos Rigatto, técnico responsável pela manutenção do instrumento desde os tempos em que ele pertencia ao maestro Furio Franceschini, que o doou ao IA. A reforma durou três meses e custou cerca de Cr\$ 5 milhões. Da cerimônia de reinauguração participaram os músicos José Luís de Aquino, Noel Saghaard, Martha Herr e Arcádio Minczuk, entre outros. Do programa constaram obras de Bach, Hendel e Albinoni.

EVENTOS

Alimentos, tema de dois encontros

Dois acontecimentos prometem agitar a cidade de São José do Rio Preto em setembro: a VI Semana de Engenharia de Alimentos e a III Feira de Equipamentos e Produtos da Indústria de Alimentos (Fenali). Os eventos são organizados pelos alunos do quarto ano do curso de Engenharia de Alimentos, em conjunto com o Centro de Estudos de Engenharia de Alimentos (CEEA) e o Departamento de Engenharia e Tecnologia de Alimentos do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE).

A VI Semana de Engenharia de Alimentos será realizada de 14 a 19 de setembro, no auditório do campus, a partir das 8h. Os participantes do evento terão, como atividades, palestras e mesas-redondas com especialistas vinculados ao setor de alimentos.

A III Fenali acontecerá paralelamente à Semana de Engenharia de Alimentos, de 17 a 19 de setembro, das 14h às 22h, no pavilhão do Senai local. A feira visa divulgar tecnologias, equipamentos, embalagens e inovações. Até o ano passado, a Fenali era realizada no próprio campus da UNESP. Hoje, graças ao apoio do Sebrae (Serviço de Apoio a Micro, Pequena e Média Empresas) e Senai (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial), ela integra o calendário dos principais eventos de São José do Rio Preto. A III Fenali contará com participação de 18 indústrias locais, que ocuparão 30 estandes.